

‘ENCONTAR’: UM OLHAR SOCIOPOÉTICO SOBRE O ENCANTO DO ENCONTRO NO ATO DE CONTAR

Dr. Fábio Aurélio Castilho ☎ 0009-0008-0716-6739
Carlos Alfredo Gadea Castro ☎ 0000-0003-2360-5128
Universidade do Vale do Rio Sinos

RESUMO: Nas preparações para uma Imersão Literária, denominada Formação em Contação de Histórias, surge a palavra ‘encontar’. Esta palavra nasce a partir da junção de três palavras: encontro, contar e encantar. Que outros significados têm essa palavra? Quais as potências e encantos de um encontro imersivo voltado à literatura e à contação de histórias? A partir de um olhar sociopoético, entendemos que há muito mais do que teoria e prática; percebemos que a vida e sua poética se entrelaçam na construção de conhecimento e que ele se manifesta de diferentes formas por meio de poesias, cantos, danças, palavras, desenhos, teorizações. Pudemos sentir de corpo inteiro quanto uma obra literária ou uma contação de histórias pode auxiliar no desenvolvimento humano. Este artigo traz reflexões, percepções, debates e relatos sobre uma experiência de imersão literária de quatro dias, numa casa em meio a natureza, com onze mulheres professoras. Um breve encontro que, por surgir a partir de uma formação, não dá conta de todos os eixos de uma pesquisa sociopoética, mas que resulta importante por permitir nos aproximar vivenciá-la.

PALAVRAS-CHAVE: Sociopoética; Encontro; Contação de histórias.

‘ENCHANTELL’: A SOCIOPOETIC GAZE AT THE ENCHANTMENT OF ENCOUNTER IN THE ACT OF STORYTELLING

ABSTRACT: In preparation for a Literary Immersion, called Storytelling Training, the word ‘enchantell’ emerges. This word is born from the combination of three words: encounter, to tell, and to enchant. What other meanings does this word have? What are the powers and enchantments of an immersive encounter focused on literature and storytelling? From a sociopoetic perspective, we understand that there is much more than theory and practice; we perceive that life and its poetics intertwine in the construction of knowledge and that it manifests itself in different ways through poems, songs, dances, words, drawings, and theorizations. We were able to feel in our entire being how much a literary work or a storytelling session can aid in human development. This article presents reflections, perceptions, debates, and accounts of a four-day literary immersion experience in a house surrounded by nature, with eleven female teachers. A brief encounter that, arising from a training program, does not cover all the axes of sociopoetic research, but which is important for allowing us to experience it firsthand.

KEYWORDS: Sociopoetics; Encounter; Storytelling.



1 INTRODUÇÃO

Deixa eu me apresentar
Que eu acabei de chegar
Depois que me escutar
Você vai lembrar meu nome
[...]
Eu não sei (não sei),
não sei (não sei)
Não sei diferenciar
você de mim
(Anavitória; Lee, 2021).

E foi assim, ao som de Amarelo, azul e branco que elas¹ chegaram... Já faziam alguns anos que o projeto Imersão Literária – Formação em Contação de Histórias estava nos planos para ser realizado. No entanto, foi em 2024, com a produção de Deyvid Kevitz, que aconteceu a aprovação por meio da PNAB (Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura). Com esse recurso, a tão sonhada imersão pode ser realizada de forma gratuita no período de 19 a 22 de junho de 2025. Os quatro dias já estavam com uma bela programação e plenamente voltados à literatura e contação de histórias, porém não fazíamos ideia do quanto profunda seria a experiência. A primeira surpresa se deu logo nas inscrições, já imaginávamos que teríamos mais mulheres do que homens, pois geralmente é o que acontece quando realizamos formações nesta área. Porém, os dois homens inscritos acabaram, por motivos diversos, desistindo de participar e o grupo ficou composto por onze mulheres. Foi neste momento, dois dias antes de iniciar a imersão, que percebemos que o planejado teria de ser adaptado para celebrar este encontro magnífico entre mulheres, e a pesquisa se fez necessária. Eu vinha estudando sobre a Sociopoética, de Jacques Gauthier (2015, p. 85):

Um certo gosto para com a arte, as técnicas corporais, além da ciência. É neste sentido que podemos enfatizar o papel da sociopoética na formação do que chamamos de Pesquisador Integral, que sabe unificar ciência e arte,

¹ Por se tratar de um grupo formado majoritariamente por mulheres optei por trazer os coletivos sempre no feminino.



despertar as múltiplas e escondidas potências cognitivas do corpo e, assim, reconciliar saber e sabedoria, ciência e espiritualidade.

Desde a primeira leitura fiquei encantado por me tornar este Pesquisador Integral (Gauthier, 2015). E, sentindo a necessidade da pesquisa, foi sob este olhar que procurei realizar a imersão. Fiquei um pouco apreensivo no início, pois havia pouco tempo para replanejar e mudar o olhar sobre a formação. Eu não seria mais somente o formador e sim o facilitador de uma pesquisa. Além disso, tinha plena consciência de que seria inviável realizar algumas etapas, mas o próprio Gauthier (2015) nos acalma com relação a isso.

É difícil seguir simultaneamente os cinco eixos da sociopoética num percurso, já que dispomos de um tempo muito mais limitado que numa tese ou dissertação! Trata-se essencialmente, de fazer com que os participantes, membros do grupo-pesquisador, entendam, por vivenciarem-na no seu corpo inteiro, mesmo que fragmentada, o que é a pesquisa sociopoética (Gauthier, 2012, p. 100).

Nas reflexões e preparativos para a Imersão Literária surgiu a palavra ‘encontrar’, que defini como a união entre as palavras encontro, contar e encantar. Imediatamente, fui buscá-la nas redes sociais e outros meios de pesquisa, surgiram algumas referências de eventos com esse nome, mas não um significado específico da palavra. Assim sendo, solicitei um significado para uma ferramenta de Inteligência Artificial, a qual sugeriu a seguinte definição “do cruzamento sensível entre os verbos encontrar (descobrir, achar) e contar (narrar, relatar), nasce ‘encontrar’: um verbo de corpo inteiro que significa encontrar-se no ato de contar, e contar-se no ato de encontrar”². Por minha conta, agreguei a palavra encantar neste cruzamento. ‘Encontrar’, sob meu olhar, é contar-se com encanto por meio do encontro, encontro consigo mesmo, com suas memórias, sentimentos, emoções... Encontro com o próximo, com os livros, com outras histórias...

² Resposta gerada pelo modelo ChatGPT a partir do prompt ‘encontrar’. Disponível em: <https://chatgpt.com/share/6887f7fc-58d8-800b-b1bc-0a44036e70f6>. Acesso em: 29 jul. 2025.



Encontro com a natureza, com o universo e com tudo que nos atravessa. E é sobre este ‘encontrar’ que realizamos o percurso.

2 UM OLHAR SOCIOPOÉTICO

Após ter realizado inúmeras formações nas áreas de literatura e contação de histórias, percebi que se apresentava muito mais do que os conteúdos e as técnicas em si. O fator humano do encontro, através da literatura e da contação de histórias, faz brotar inúmeras percepções, sensações e promove reflexões profundas sobre si mesmo e a relação com as outras pessoas, esse ‘encontrar’ nos transborda, transforma, faz nos enxergarmos umas nas outras e juntas nos reconhecemos, nos construímos, nos desconstruímos e nos reconstruímos. Isso tudo ficava nítido a meus olhos, porém como fundamentar essa prática? Como torná-la academicamente aceita? Como olhar para ela e perceber suas nuances?

Foi nesse viés de fundamentar e pesquisar sobre a prática que iniciei uma busca metodológica e, entre os vários olhares, a sociopoética se apresentou como uma luz e uma possível lente para analisar o trabalho realizado. Falo um olhar sociopoético, porque como o objetivo principal do projeto era a Imersão Literária – formação em contação de histórias já havia uma série de atividades e módulos a serem desenvolvidos o que não permitiria, no momento, realizar somente a pesquisa em si.

Porém, este olhar da sociopoética que traz algumas palavras, etapas e técnicas permitiu que a imersão fluísse de uma forma ainda mais profunda, significativa e respeitosa. Não vou trazer aqui todos os passos da sociopoética, mas apontar os utilizados nesta pesquisa³. Gauthier (2012) é tão generoso e preciso em sua escrita que traz um ABC ortográfico e conceitual, sendo algumas destas palavras essenciais para entender o processo:

³ Para quem desejar se aprofundar sugiro o livro, de Jacques Gauthier, “O OCO DO VENTO metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais”.



Não pretendemos criar conceitos, preferimos deixar essa tarefa aos filósofos profissionais. E sim, assumir nossa originalidade de sempre mexer, ao mesmo tempo, com o racional e o afeto, já que mobilizamos o corpo inteiro como fonte de conhecimento. Assim criamos a palavra “confeto” para nomear essas misturas íntimas de conceito e afeto que o grupo-pesquisador vai criando (Gauthier, 2012, p. 77).

Confeto: esta palavra pouco aparece escrita no restante do artigo, mas sua essência está presente em todos os momentos. Algumas outras são escritas com frequência e apresento aqui seus significados segundo Gauthier (2012) porém de forma sucinta, pois o autor discorre mais sobre elas:

Copesquisador, copesquisadora: membro do grupo-pesquisador que não é o facilitador. [...] Facilitador, facilitadora: um membro de destaque do grupo-pesquisador! ou o pesquisador(a) profissional, acadêmico(a) ou oficial, como quiser. [...] Grupo-pesquisador: o hifen é importante, porque não se trata de um grupo de pesquisa, mas de um ser coletivo, que se institui no início da pesquisa como grupo-sujeito do seu devir. Temagerador (pode ser escrito com ou sem hífen): o tema da pesquisa, ou seja, uma noção – simples ou composta – a ser elaborada coletivamente (Gauthier, 2012, p. 77-79).

Sobre as etapas do desenvolvimento de uma pesquisa sociopoética, segundo Gauthier (2012), são: o relaxamento, a autoavaliação contínua, as técnicas de produção de dados, o estudo dos dados pelos facilitadores, a contra-análise; a socialização e os percursos. Não irei explanar, neste momento, mas haverá uma breve explicação, de algumas, no momento em que for descrita sua aplicação.

3 ‘ENCONTAR’

Eu vim pra te mostrar
A força que eu tenho guardado
O peito 'tá escancarado
E não tem medo, não,
não tem medo
Eu canto pra viver
Eu vivo o que tenho cantado
A minha voz é meu império
A minha proteção
(Anavitória; Lee, 2021).



Euuento pra viver, eu vivo o que tenho contado... E assim parodiando Anavitória e Rita Lee elas se apresentaram...

Um relaxamento permite colocar cada copesquisador em estado próximo ao recomendado pela psicanálise – cada um estando acolhendo e expressando qualquer imagem ou ideia que surja, sem censura nem reflexão crítica. Numa visão mais “oriental”, pode-se dizer que esse relaxamento permite as energias fluírem mais livremente no corpo de cada um em particular e no grupo em geral (Gauthier, 2015, p. 81).

Com o intuito deste relaxamento inicial, escolhi quatro músicas para permear um alongamento, seguido de dança livre, breve meditação e autoacolhimento na última canção. As músicas foram “Acendi o sol”, por Benziê, “Amarelo, azul e branco”, por Anavitória e Rita Lee, “Borboleta”, por Flor de Sal, e “Ouvir o Coração”, por Flor de Luz. Eu poderia aqui descrever cada música escolhida, porque todas foram selecionadas com uma intenção, mas essas músicas falam por si só. Neste momento, convido-lhe a escutá-las na sequência acima apresentada, imaginando chegar numa casa de madeira, estilo casa de vó, cercada de natureza. Lá, você irá conhecer pessoas novas para passar junto com elas quatro dias estudando literatura e contação de histórias...

Após o relaxamento com as músicas, sentindo nossos corpos inteiros e ouvindo os corações, nos sentamos em roda e começamos uma apresentação oficial por meio da palavra, pois nossos corpos já haviam se apresentado através da dança. A apresentação foi livre, mas sugeri que falassem também de suas vivências com a contação de histórias e o propósito com relação à imersão. Reforcei: propósito e não expectativa! Porque o interesse era saber o que cada uma se propunha e não o que espera do outro, e isso fez toda a diferença.

Logo na apresentação ficou nítida a ligação do grupo, todas, além de muitas outras características em comum, são professoras. Algumas não estão atuando em sala de aula no momento, mas nem por isso deixam de ser professoras. Esse ato de ser professora, como eu também o sou, aproximou e conectou o grupo de imediato. Sobre a contação de histórias, quatro delas já atuam profissionalmente



na área e as outras sete já o fizeram de forma informal e natural em algum momento.

Durante as apresentações, surgiram diversas falas emocionantes e algumas lágrimas rolaram. Uma das participantes falou que procurou usar roupas mais *normais* para chegar na imersão, pois tinha receio de chegar muito colorida como geralmente é, e ficou feliz em ver que o grupo era em si colorido e que poderia usar as roupas coloridas, se vestir e ser como realmente é.

Após as apresentações, contei a história o *Boi de Pindorama*, por Joca Monteiro. Essa história fala de forma divertida e, ao mesmo tempo, profunda, sobre amor. Após a história, explanei minhas reflexões para a imersão, falei sobre o surgimento da palavra ‘encontar’ e sugeri que durante a imersão mergulhássemos nos vários significados possíveis para esta nova palavra, tornando-a nosso *tema-gerador*. Todas aceitaram a proposta e, com este aceite, encerrou-se o primeiro módulo, seguido de um gostoso café da tarde.

A imersão foi previamente planejada em dez módulos, de quatro horas/aula cada, totalizando quarenta horas/aula, sem contar os imensos e significativos tempos de troca durante as refeições, intervalos, tempo livre à noite ao redor da fogueira e o próprio ato de compartilhar os quartos durante o sono. Gautier (2015, p. 84) nos diz que:

A experiência mostrou que com oito sessões de 2 horas cada uma, mais entrevistas que podem ser programadas com mais flexibilidade, podemos realizar um bom trabalho, de tipo pesquisa de mestrado ou até doutorado. A quantia de dados relevantes produzida é assustadora, sendo o mais difícil decidir quais os mais pertinentes!

Então, já tínhamos mais sessões do que o necessário e concordo plenamente com ele que a quantidade de dados é assustadora. Por isso, ao final da imersão, decidimos escrever um livro sobre a experiência, e estou aqui fazendo um grande esforço para condensá-la neste artigo.



Após o café, iniciamos o segundo módulo, nele cada participante escolheu um livro para fazer uma breve leitura e contar de forma sucinta sobre o conteúdo do mesmo, suas percepções, afetos e o que a levou a escolhê-lo. Após as apresentações contei, em livre adaptação, a história o *Lolo Barnabé*, de Eva Furnari. Para contar esta história, utilizei diversos objetos cênicos criados com materiais reutilizados e comentei que os mesmos foram criados para um projeto de educação ambiental no qual eu trabalhei. Assim, já neste primeiro dia elas conseguiram observar duas diferentes maneiras de contar histórias: a primeira sem nenhum elemento, usando unicamente o corpo e a voz; e esta segunda em que os elementos cênicos permeavam a história como um todo. Para encerrar, deixei a pergunta: Qual o primeiro livro ou a primeira história que te marcou?

Após este momento, tivemos o jantar e restante da noite livre. Porém, não menos importante, já que várias conversas e trocas significativas aconteceram. Uma das participantes, que mora próximo ao local da imersão, optou por não ficar durante a noite e, após o jantar, foi para casa. Essa ação tornou-se relevante no decorrer do processo.

4 QUAL O PRIMEIRO LIVRO OU A PRIMEIRA HISTÓRIA QUE TE MARCOU?

Aí, Chapeuzinho encheu e disse:
“Para assim! Agora! Já!
Do jeito que você tá!”
E o lobo parado assim
do jeito que o lobo estava
já não era mais um LO-BO.
Era um BO-LO.
Um bolo de lobo fofo,
tremendo que nem pudim,
com medo da Chapeuzim...
(Buarque, 2011, p. 16).

Quando penso na minha infância, não lembro qual foi o primeiro livro que li, mas lembro da famosa frase *Ivo viu a Uva*. Provavelmente essa foi minha primeira leitura, na escola. Sim, a cartilha. Quando penso em obra literária,



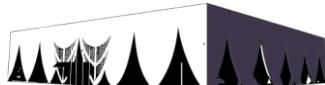
porém, consigo me ver lá na sala de aula da minha primeira escola, no chão de madeira, entre vários livros estava *Chapeuzinho Amarelo*. A capa era simples, mas dos olhos escondidos eu consigo lembrar sempre.

Não tenho como mensurar o quanto este livro foi significativo naquele momento, porque as lembranças são vagas, mas lembro que alguns medos eu consegui enfrentar ainda muito pequeno, quando vi o lobo se transformar em bolo. Nessa época eu morava na casa em que agora realizamos as imersões, com minha vó que não sabia ler letras, mas era excelente em ler o mundo e contar histórias.

Foi assim que vivi a melhor fase da minha infância, com poucas, mas significativas obras literárias, as quais eu só tinha acesso na escola, e com as histórias contadas por minha vó. Por isso, trazer a pergunta “qual o primeiro livro ou a primeira história que te marcou?”. A resposta e reflexão junto ao grupo-pesquisador me pareceu e realmente foi de grande relevância.

Agora, apresento, formalmente, as copesquisadoras. Não há como contar suas trajetórias, currículos e saberes aqui, mas, a partir da história, literária ou não, que mais marcou a vida de cada uma pode-se conhecer um pouquinho sobre elas. Tárcia Malane Antônio falou sobre *O homem e as formigas*, uma história sequencial que seu pai sempre contava. Juliana Catarina Rosa também trouxe histórias da família, relembrando como contam sobre suas vidas e as vidas de seus ancestrais. Para ReNata Batista, o livro *Com a ponta dos dedos e os olhos do coração*, de Leila Rentsroia Iannone foi o que ficou gravado em sua memória. Ediane Garcia trouxe a história folclórica *A sopa de Pedra*. Potyra Najara trouxe *Maneco Caneco Chapéu de Funil*, por Luís Camargo. Dorita Wenceslau, ao ouvir *Lolo Barnabé*, lembrou-se de uma história semelhante contada pela família, mas o livro que mais lhe marcou foi *Em fuga*, de Pimm Van Hest, traduzido por Ana Maria Machado. Ela reforçou, porém, que a paixão pela leitura chegou já adulta durante o curso de biblioterapia realizado durante a pandemia.

Regiane Coleraus lembrou das histórias à beira do fogão a lenha e ressalta que descobriu o encanto pelos livros, já na adolescência, com *Fernão Capelo*



Gaiota, por Richard Bach. Jô Jorvino também descobriu sua obra de encanto na fase adulta com *O Caminho*, por Potyra Najara. Carolina Bee Araujo resgatou nas memórias um quadrinho específico lido num Gibi do Gasparzinho. Fernanda Gonçalves de Jesus falou do encanto do *Sítio do Pica Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato. Vanessa Trisoto, com olhar vibrante, nos presenteou com memórias de uma história contada pelo seu opa (avô) na varanda de casa. Ele ficava sentado na cadeira de balanço, dizendo que na páscoa o coelho passava deixando coloridos os animais da fazenda e o mais incrível é que na manhã de Páscoa os animais da fazenda do avô amanheciam mesmo coloridos. Mais tarde ela foi descobrir que os adultos passavam a noite pintando os animais, para que as crianças tivessem, ao acordar, o encanto da história se tornando realidade.

Assim, com estes livros, histórias e memórias apresentamos cada copesquisadora deste grupo-pesquisador, totalizando comigo, doze participantes. Número desejável segundo as próprias palavras de Gauthier:

[...] um grupo-pesquisador é formado (de 6 a 16 pessoas, sendo desejável um grupo de 8 a 12 pessoas, por causa da necessidade de se ouvir cada participante e haver diferenças o suficiente: o que interessa a sociopoética é a singularidade de cada membro do grupo-pesquisador e não a busca de constantes ou tendências gerais) (Gauthier, 2015, p. 81).

Outra ação relevante nesta manhã, já no terceiro módulo, foi a apresentação da história *O Homem que amava Caixas*, de Stephen Michael King. Essa história conta, além de muitas outras profundezas, sobre a dificuldade de expressar com palavras nossos sentimentos. Também, trazendo nossa criança interior para se expressar, coloquei algumas cantigas de roda e músicas voltadas para infância convidando o grupo-pesquisador a brincar de roda e ouvir como as letras das mesmas contam histórias. Nessa hora, o corpo simplesmente fluiu, vieram dramatizações, sorrisos frouxos e muita alegria. Para encerrar a manhã, trouxe a técnica do Teatro-imagem, segundo Gauthier, diretamente inspirada em Augusto Boal.



Para criar as imagens congeladas formamos grupos de três a quatro pessoas com o intuito de trazer o significado da palavra ‘encontrar’ com base nas memórias de infância que se apresentaram. O primeiro grupo representou uma brincadeira coletiva, o segundo grupo representou uma pessoa lendo histórias com as crianças encantadas ao seu redor e o terceiro grupo representou crianças imersas no ato de brincar com carrinhos, bonecas e a própria imaginação. Como fechamento, fizemos o desafio de, sem nenhuma fala, somente pelo sentimento e observação, construirmos uma imagem coletiva representando este ‘encontrar’. Dessa eu também participei e foi incrível a sincronia e rapidez com que a mesma se formou.

Ao final, abrimos o diálogo e vieram duas referências a partir das imagens que criamos, ReNata lembrou Roda Infantil, de Cândido Portinari, Regiane citou as obras de Ivan Cruz e as demais reflexões também seguiram nesta linha. Assim, poetizamos que ‘encontrar’ também significa ler, brincar, imaginar, se divertir, criar.

Para abrir o quarto módulo, Jô Jorvino nos presenteou com a mediação de leitura do seu livro *A menina que gostava de chapéu* e com uma brincadeira de roda. Nesta brincadeira, o chapéu vai passando por todos os participantes enquanto a cantiga reforça os temas do livro, falando sobre a alegria de se apresentar como se é, ao mesmo tempo em que traz reflexões sobre bullying, amorosidade e respeito. Durante a mediação, a emoção tomou conta do grupo e a copesquisadora que, ao falar de si no dia anterior havia citado o fato de ter usado um estilo de roupa mais *adequada* caiu em lágrimas, pois provavelmente se viu na personagem da história.

Potyra Najara também nos brindou contando sua história autoral *Edu, o Elefante e o Festival de Sutilezas*, presente no livro *Conto Expressão* do qual é coautora e consultora literária. Essas apresentações, assim como algumas atividades, vieram do grupo, pois o tempo todo deixei aberta essa possibilidade para quem sentisse de apresentar ou realizar alguma ação. Esse ato é essencial



quando partimos de um olhar sociopoético, pois segundo Gauthier (2015, p. 80) “o acadêmico, no caso, é apenas o “facilitador” da pesquisa” e o grupo-pesquisador o “autor coletivo da pesquisa e “dono” do conhecimento produzido”.

Após as apresentações, dividimos o grupo em duplas para que essas pudessem escolher uma história que gostariam de contar. Histórias escolhidas, finalizamos este módulo com uma atividade de conexão através do olhar. Primeiramente, cada pessoa se olhou no espelho por cerca de dois minutos, buscando se observar e, depois, olhando no olho de sua parceira de dupla. Esse olhar fez aflorar emoções, sentimentos, sensações... Desta atividade não fizemos partilha coletiva, mas cada dupla conversou entre si ampliando ainda mais a conexão.

O quinto módulo foi mais prático, trazendo uma releitura da técnica do Conto Russo, que recebe este nome em homenagem a Vlademir Propp. Essa técnica é sugerida por Gauthier (2015) para fazer um trabalho mais profundo a partir do tema gerador da pesquisa. Aqui, porém, eu a trouxe como um olhar para os livros escolhidos pelas duplas. Então, a partir da leitura dos livros, cada dupla faria o desenho dos 12 momentos.

o herói da história; o objeto de desejo deste herói; um lugar onde acontece a história; um vilão que quer o mesmo objeto; uma interdição (que está presente para ser transgredida); a luta entre herói e vilão, com derrota do herói; a intervenção de um doador (humano ou não humano); um objeto dado (que pode ser material ou não); a vitória do herói; um aliado inesperado que favoreceu essa vitória; uma marca recebida; o triunfo final (Gauthier, 2015, p. 81).

Essa atividade tomou todo o tempo do módulo, mas foi de suma importância. Algumas duplas, após o jantar, ainda ficaram imersas nos desenhos, não por obrigação, pois eu havia deixado claro a não necessidade de terminar, mas pelo prazer de desenhar, ler e pensar sobre a história. Contaram que, passada meia noite, ainda tinha gente desenhando.



5 VAI FLORESCER

‘encontrar’ é o abrir de uma nova história, que encanta e conta com os olhos de afeto. ‘encontrar’ é encontro com novas descobertas.

Ser uma criança adulta, brincando e abrindo as asas para uma nova história.

‘encontrar’ é encanto, conto e encontro comigo e com você.

Sob um novo olhar de ver o todo
(Jorvino, 2025, poema inédito).

Logo ao amanhecer do terceiro dia, no sexto módulo, Jô Jorvino nos trouxe essa bela poética, escrita durante a noite, em suas reflexões sobre o que já havia se apresentado nos primeiros dias de imersão. Na sequência, apresentei duas lendas indígenas A Lenda do Dia e da Noite, do povo Karajá e A lenda da Vitória Régia, de origem Tupi-Guarani. Na lenda do Dia e da Noite aparecem vários animais! Como uma das copesquisadoras é minha amiga e a conheço há um bom tempo, sabia de sua fobia em relação a um dos animais presentes na história e a informei sobre. Ela, então, decidiu não assistir a contação desta lenda. Geralmente, quando apresentamos para grandes públicos não temos como saber os medos e fobias presentes, e, às vezes, uma simples palavra pode gerar gatilhos emocionais e desencadear processos dificeis para algumas pessoas. Como contadoras de histórias, precisamos estar atentas ao público e saber acolher e respeitar quando algo assim acontece.

Na lenda da Vitória-régia esta minha amiga retornou e fluímos todas juntas na história. No meio da narrativa, utilizei a música *Florescer* (Laksmi, 2021) composta por Valéria de Pontes. Essa música trouxe um encanto ainda maior e despertou sentimentos fortes em uma das copesquisadoras.

Para contar estas lendas utilizei diversas peças artesanais, a maioria vinda de comunidades indígenas, muitas das quais tive a oportunidade de visitar. Ressaltei a importância desta valorização e respeito quando apresentamos histórias dos povos originários. Após a apresentação, disponibilizei livros de



autores e autoras indígenas para que todas pudessem fazer uma breve leitura e apreciação.

Após as leituras, fizemos uma roda de conversa, na qual comentei sobre o primeiro livro que escrevi *Numa boa*. Neste livro, escrito em 2011, aparece a palavra indiozinho e também uma ilustração estereotipada de duas crianças indígenas. Falei que na época eu não tinha os conhecimentos que tenho hoje e que, com certeza, na atualidade, escreveria de outra forma. Essa fala abriu debates para olharmos os livros a partir da época em que foram escritos, trazendo, sim, para o diálogo atual e pontuando o que é pertinente, porém sem descartar ou condenar as obras já criadas. Afinal, mesmo quando uma delas apresenta algo que consideramos *inaceitável*, trazê-la para o diálogo se faz necessário.

Na sequência, retomamos os desenhos feitos a partir da proposta do conto russo e duas duplas pontuaram a dificuldade de ver os doze momentos em suas histórias, pois estes livros trazem uma linguagem mais contemporânea e com escrita poética. Mesmo assim, todas as duplas conseguiram desenhar pelo menos sete momentos e esse ato de desenhar foi suporte para o estudo das narrativas a serem apresentadas. O restante da manhã foi para que cada dupla trabalhasse, a partir do livro e dos desenhos, em sua apresentação.

Para iniciar o sétimo módulo, Potyra trouxe uma cantiga brincante e Jô Jorvino nos convidou para uma dança circular sob o ritmo de Florescer (Laksmi, 2021). A dança fluida sob o sol gerou ainda mais conexão entre grupo-pesquisador. O restante da tarde foi para o ensaio e eu ia passando por cada dupla para juntas fazermos os ajustes necessários.

Uma das duplas propôs iniciar com uma canção, mas nesta apareceu uma questão que me incomodou, a palavra historinha, pois valorizamos muito a arte de contar histórias e usar a palavra no diminutivo carrega em si uma visão menor do que se apresenta. Para ampliar o olhar, pedi auxílio para a Potyra, que, além de sua grande jornada como contadora de histórias, é mestra em Conto



Expressão. Ela percebeu mais uma parte da canção que a incomodou, pois dizia ficar quietinhos.

Com a permissão da dupla, abrimos para todo o grupo pesquisador a conversa sobre estes dois itens, pois a contação de histórias está em um lugar de arte, temos ciência que às vezes fica difícil iniciar uma contação quando as crianças estão muito agitadas, mas existem várias cantigas e técnicas que podem ser utilizadas sem ter de pedir silêncio. Se houver tempo, pode-se, por exemplo, abrir uma conversa, deixando as crianças falarem e, depois de esgotados os assuntos, iniciar a contação. Outra maneira é iniciar uma cantiga bem conhecida, pois automaticamente as crianças começam a cantar juntas e a contação flui naturalmente... Poderia citar aqui inúmeras técnicas, mas o ideal é que cada contadora de histórias encontre ou crie a sua.

Para finalizar a tarde, contei a história *O colecionador de infinitos* de Alexandre Azevedo. História na qual utilizei brinquedos como elementos cênicos e depois convidou as participantes a olhar as nuvens e colecioná-las, assim como o menino da história. Essa narrativa nos fez olhar para o céu e inúmeras imagens foram citadas.

Durante o café, pedi para que cada uma me enviasse uma música que falasse consigo neste momento. A co-pesquisadora que mora próximo não enviou, pois não poderia participar da atividade da noite. Ao retomar, agora já no oitavo módulo, pedi a todas que se espalhassem pelo espaço e convidei-as a vendar os olhos. Todas assim fizeram e começamos a ouvir as músicas enviadas deixando o corpo fluir e a dança surgir de dentro para fora. Pela quarta música percebi que a maioria já não estava mais dançando, então as convidei a tirar a venda e iniciar uma conexão por meio da dança, uma das co-pesquisadoras estava tão imersa em seu processo que optou por ficar mais tempo com a venda, por isso é essencial que todas as ações sejam colocadas como convite para que os tempos individuais sejam respeitados. Passado mais um tempo, todas já estavam sem a venda e o convite agora foi para se aproximarem da fogueira. A música que tocava trazia



conexão com o fogo e sensivelmente todas formaram um círculo e começaram uma dança coletiva.

Quando chegou na nona música percebi que surgiu uma conversa espontânea sobre todo o processo de imersão, abaixei o som e me afastei para deixar que as mulheres pudessem falar livremente de seus sentimentos, descobertas, dores, alegrias, sensações... Neste momento lembrei imediatamente de Larrosa (2002) e vi diante dos olhos um gesto de interrupção:

[...] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Larrosa, 2002, p. 24).

A conversa durou um bom tempo e quando finalizou, convidei-as para deitarem nos colchonetes disponíveis no espaço coberto, trouxe algumas mantas para cobri-las e este deitar se tornou um grande abraço coletivo. Soltei a última música escolhida por elas e outras que escolhi seguindo a mesma linha de conexão, alegria e afeto. Esse aconchego coletivo provavelmente teria durado muito mais tempo, mas chegou a hora do jantar e suavemente sugeri o retorno despertando aos poucos o corpo e dando um grande abraço nas suas parceiras nesta jornada. Após o jantar, as conversas fluíram noite a dentro ao redor da fogueira.

O dia seguinte amanheceu chovendo, muitas ainda estavam dormindo quando a Jô começou a dançar na chuva e entre as diversas músicas dançou de coração pleno e aberto florescer. Nos meus olhos as lágrimas rolaram por ver quão lindo estava sendo este processo imersivo que agora chegava ao seu último dia. Após o café, ReNata propôs uma vivência de consciência corporal trazendo um



despertar sensível de aconchego e respeito com seu próprio, os corpos das outras pessoas e toda a natureza que nos rodeia.

A manhã seguiu com ensaios, montagem de cenário e preparação para as apresentações a serem realizadas à tarde. Já no finalzinho da manhã, Potyra e eu trouxemos duas histórias brincantes e divertidas.

À tarde o público começou a chegar e, pouquinho tempo antes de iniciar as apresentações, a participante que sempre retornava para casa após as atividades veio conversar comigo, pois não estava se sentindo segura para apresentar. No último ensaio ela já não havia conseguido chegar, junto com a sua dupla, ao final da história. Acolhi a fala e elas decidiram não se apresentar, inclusive a parceira de dupla não quis se apresentar sozinha em solidariedade à colega.

Refletindo sobre, e conversando com outras co-pesquisadoras, constatamos que o fato desta co-pesquisadora não ter ficado em imersão e só ter participado dos momentos de formação influenciou diretamente em sua experiência, pois as demais duplas acabavam por nos intervalos e principalmente à noite ampliar seus estudos, conversas e conexões. Confesso que este não apresentar gerou um breve sentimento de frustração, pois era o fechamento do trabalho, porém o principal nesta situação foi acolher e respeitar a decisão da dupla. Ficou a lição para, quando acontecer uma experiência imersiva novamente, fazer o máximo para que todas permaneçam, pois o processo é contínuo, mútuo e os tempos fora da programação se demonstraram essenciais.

As outras quatro duplas se apresentaram e, ao final, como disse uma das crianças presentes no público, foi melhor do que eu esperava! Nisso todas do grupo concordamos! A imersão como um todo e este incrível olhar sociopoético do processo foi muito melhor do que esperávamos. Após as apresentações, convidamos o público, composto de aproximadamente cinquenta pessoas para uma ciranda, as crianças vieram em peso e alguns adultos também se permitiram participar. Assim, com muita alegria, música e diversão, encerramos a contação de histórias e convidamos todos para deixar registrado em uma das paredes da



casa, já prepara para este fim, um desenho ou palavra que representasse este ‘encontrar’.

Nas palavras dos adultos, ficou registrado na parede que ‘encontrar’ é amar, contar, aproximar, descobrir, encontrar, libertar, encantar, viver o sonho do outro, diversão, sentimentos, conexão de almas, afeto, libertação, renovo, cura, gentileza, amor... Já nos desenhos das crianças ‘encontrar’ são casas, histórias, bruxas, sapos, livros, cores, arco-íris, brincar...

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

‘Encontrar’ ganhou tantos significados escritos, desenhados, dançados, cantados, contados, celebrados... que é impossível definir exatamente o que é este ‘encontrar’ mas apresentamos seu *confeto*. Porém, muito mais que tentar definir seu significado, é importante perceber sua sutileza e que trazê-lo como tema-gerador nos fez, por meio de um olhar sociopoético, perceber ainda mais a potência do encontro imersivo que, no estudar sobre literatura e contação de histórias, trouxe reflexões profundas de vida, conexão e construção coletiva de conhecimento.

Sobre a sociopoética, quero ressaltar que esta foi a primeira experiência prática que tive a honra de ser facilitador. Já havia lido textos, artigos e livros, mas nunca vivenciado de corpo inteiro, e foi uma experiência incrível de transformação pessoal e consequentemente da imersão como um todo.

Num processo de pesquisa, se alguém tem de se transformar urgentemente, este é o ou a pesquisador(a) profissional, cujo o mundo e cuja a percepção do real são muito limitados. Não é verdade que pesquisamos para aprender, e não para educar nem cuidar? Ou se tiver alguém para educar e cuidar, que seja, antes, o ou a pesquisador(a) (Gauthier, 2012, p. 76).

Trazer esse olhar sociopoético para a imersão nos permitiu fluir a partir da observação e do que se apresentava a cada momento, gerando grande conexão



como grupo. Nós percebemos e sentimos profundamente as potências e encantos deste encontro imersivo voltado a literatura e a contação de histórias.

Durante toda e imersão/pesquisa, e após ela, foram sendo criados diversos confetos nascidos das misturas íntimas de conceito e afeto. Queria eu poder trazer aqui todos os escritos, criações e relatos profundos que surgiram, mas não caberiam em um artigo. Por isso, selecionei alguns trechos dessas preciosidades e trago-os como considerações finais, pois falam do processo como um todo, sendo o primeiro a transcrição um vídeo produzido coletivamente, na sequência dois relatos e, para finalizar, uma poesia. Sim, finalizamos o artigo com uma poesia que surgiu a partir deste olhar sociopoético, para que possamos ler de corpo inteiro e construir seus próprios confetos sobre: sociopoética, ‘encontar’, viver...

Imersão, ‘encontar-se’. A conexão, o afeto, o amor. Muita Luz, energias boas e positivas. Muita partilha, troca, carinho. Aqueles olhares, aqueles abraços. As gargalhadas, a noite que segue a dentro sob as estrelas ao lado da fogueira dançando, pintando, desenhando, escrevendo. ‘encontar’, se reencontrar e se transformar (Jorvino, 2025, vídeo inédito).

Essa imersão me fez conectar com aquela professora que acredita em uma educação acolhedora e mais humana, percebendo que através das histórias podemos curar muitas feridas. É difícil dizer qual momento foi o mais importante ou o divisor de águas, pois ali, foi algo tão encantador que a todo momento sentia uma energia que irradiava cada vez mais o meu ser, reconectando comigo mesma (Devegili, 2025, relato pessoal inédito).

As histórias são pontes que nos conectam com o passado, o presente e prospectam o futuro. Elas resgatam vivências e memórias que dançam dentro de nós, as vezes de forma consciente, outras inconsciente. Viver essa imersão repleta de mulheres dispostas a compartilhar suas histórias, foi uma possibilidade de descobrirmos novos mundos reais e ficcionais. Não há como pensar as histórias de forma fria ou individual, esse processo que vivemos reforça ainda mais que as narrativas são coletivas, transformam vidas e despertam sonhos (Najara, 2025, relato pessoal inédito).

Pelas Páginas da Alma

Fernanda Gonçalves de Jesus

Em cada gesto, um acolhimento,
em cada olhar, a luz da empatia.
Nos silêncios suaves, morou o carinho, nas palavras e atitudes, a
dedicação que guia.

Foi tempo de entrega e envolvimento,



de abrir o peito à vida em poesia.
Lá, onde o tempo dançou mais lento,
minha alma encontrou sua melodia.

Com os olhos da alma, vi horizontes
que não cabiam só no que é real.
Cada história, um passo rumo a fontes
de um sentir mais puro e essencial.

A gratidão floresceu em cada instante,
como quem colheu um sonho em flor.
Foi mais que uma experiência vibrante,
foi crescimento, verdade e amor.

Ali, entre livros, contos e afetos sem fim,
pude encontrar-me e ser inteira.
Entre abraços, palavras e sons de jardim,
aprendi que viver é também brincadeira.

Encantar e ser encantada,
encontrar o outro com leveza.
Na alma, uma chama renovada,
um livro aberto à delicadeza.

E ao fim, compreendi meu ser mais profundo,
no qual não é só viver, nem apenas sonhar...
É ‘encontar’: abrir o coração
e deixar o mundo me tocar
(Jesus, 2025, poema inédito).

REFERÊNCIAS

ANAVITÓRIA; LEE, R. **Amarelo, azul e branco**. [S. l.: s. n.], 2021. 1 música. Streaming. Disponível em:

<https://open.spotify.com/track/2LOIoeI16A8jjKubPKoCSa>. Acesso em: 19 jun. 2025.

BUARQUE, C. **Chapeuzinho amarelo**. 27. edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

DEVEGILI. **Relato pessoal inédito**. Rio dos Cedros, 2025. Produzido em imersão para contadores.

GAUTHIER, J. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.



GAUTHIER, J. Sociopoética e formação do pesquisador integral. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, Brasil, v. 4, n. 1, p. 78-86, 2015. Disponível em:
<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/459>. Acesso em: 05 nov. 2024.

JESUS, F. G. D. **Pelas Páginas da Alma**. Rio dos Cedros, 2025. Poema inédito produzido em imersão para contadores.

JORVINO, J. 'Encontar' é o abrir de uma nova história. Poema inédito produzido em imersão para contadores. Rio dos Cedros, 2025.

JORVINO, J. **Imersão, ‘encontar-se’**. Rio dos Cedros, 2025. 1 vídeo. Texto inédito produzido em imersão para contadores.

LAKSMI, F. **Florescer**. [S. l.]: Spotify, 2021. 1 música. Disponível em:
<https://open.spotify.com/track/558sHPGt4J81ULEO6AljO4?si=2OMG7AMWS0KEB9dLgrh0Xg>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2025.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed. 4. imp. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NAJARA, P. **Relato pessoal inédito**. Produzido em imersão para contadores. Rio dos Cedros, 2025.

Recebido em: 06-08-2025

Aceito em: 17-11-2025

